

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 11 (1)

February 2018

Article link

<http://www.seasinop.com.br/revista/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=479&path%5B%5D=pdf>

Included in DOAJ, AGRIS, Latindex, Journal TOCs, CORE, Discoursio Open Science, Science Gate, GFAR, CIARDRING, Academic Journals Database and NTHRYS Technologies, Portal de Periódicos CAPES.



Fatores psicossociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS entre estudantes do curso de enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus de Sinop

Factors associated with risk for STD/AIDS among students in the nursing course at the Federal University of Mato Grosso – Sinop Campus.

V. Gatto, R. R. Oliveira, C. A. S. Flores

Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Sinop

Author for correspondence: cezarflores2010@gmail.com

Resumo. A sexualidade esta presente em toda vida do ser humano e é na adolescência que ela busca a sua afirmação, estágio da vida em que o indivíduo passa por muitas transformações. No que diz respeito à sexualidade a adolescência é uma época onde o jovem vivencia novas experiências podendo expor-se a riscos como o de adquirir DST/AIDS. Assim, o presente estudo propôs realizar o levantamento do perfil sexual dos estudantes do primeiro e último semestre do curso de enfermagem da Universidade Federal do Mato Grosso, como também identificar e comparar os fatores associados ao risco de infecção pelas DST/AIDS apresentados por esses estudantes. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário objetivo composto por 15 questões, abordando dados referentes ao comportamento sexual, conhecimento sobre as DST/AIDS, percepção de risco frente a essas doenças e o uso de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas antes das relações sexuais. Observou-se então que tanto estudantes do primeiro como principalmente os estudantes do último semestre estão expostos a riscos de contrair DST/AIDS, entre eles se destacam o elevado número de parceiros sexuais, a não regularidade no uso do preservativo durante as relações, a percepção de invulnerabilidade frente a essas doenças e o uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais. Sendo assim fica evidenciado a necessidade de implementar estratégias para diminuição desses fatores de risco e a uma maior conscientização dos estudantes sobre a temática.

Palavras-chave: Doenças Sexualmente Transmissíveis; Fatores de risco; Comportamento Sexual, Acadêmicos, Enfermagem.

Abstract. The sexuality is present in every human being's life is it searches for confirmation during, when the individual goes through a lot of transformation. Regarding sexuality adolescence is a time when the Young lives new experiences being exposed to risks such as acquiring STD/AIDS. So the present study has performed a study of the students' sexual profile in the first and last semester of nursing course at the Federal University of Mato Grosso, and as well as identifying and comparing the factors associated with risk of infection by the STD/AIDS presented by these students. Data collection occurred through objective questionnaire composed of fifteen questions approaching data related to sexual behavior, knowledge about STD/AIDS, perceptions of risk to these diseases and the use of alcoholic beverages and illicit drugs before sexual intercourse. It has been observed that both students from the first and mainly students from the last semester are exposed the risk of getting STD/AIDS, among them the high number of sexual partners non-regular condom use during sex stand out, there has been a perception of invulnerability against these diseases and the use of alcoholic beverages before sexual intercourse. So it's evident the need to implement strategies to reduce these risk factors and having a greater awareness of students about at theme.

Keywords: Sexual transmitted disease; Risk factors; Sexual behavior.

Introdução

A sexualidade é vista como um conjunto de

expressões ou comportamentos do ser humano, de modo a influenciar todo o ciclo de vida por estar

relacionada a vários fatores como o biológico, o psicológico e o social, como por exemplo, a procriação e a autoafirmação social e individual. Ela faz parte da vida do indivíduo, e o seu equilíbrio depende da estabilidade emocional do mesmo.

A juventude é um estágio da vida em que a pessoa passa por muitas transformações, e no que diz respeito à sexualidade é uma época onde se vivencia novas experiências, porém muitas vezes esses jovens não estão preparados para a iniciação da vida sexual.

Os jovens ao iniciarem um curso superior, na sua maioria, saem da casa de seus genitores para frequentarem o ensino superior, sofrendo um processo de separação e individualização, tendo que adaptar-se ao ambiente universitário (DIAS; FONTAINE, 2001; apud VIDIGUEIRA, 2005). Na busca de sua autonomia e aceção de uma nova identidade existe uma redução dos mecanismos de controle social exercidos pela família, e isso favorece uma maior exposição a novos processos de interação social e sexual, e conseqüentemente a novos perigos como o uso abusivo de álcool e drogas.

Observa-se que muitos jovens iniciam a vida sexual sem as informações necessárias quanto aos métodos de prevenção aos riscos que estão expostos, como a contaminação por HIV e a exposição a outros microrganismos transmitidos por via sexual (BRASIL, 2006). Conseqüentemente existem complicações psicossociais e econômicas, pois as DST acometem cerca de 20% dos jovens com menos de 25 anos, sendo esta uma idade reprodutiva e economicamente produtiva (MARTINS et al, 2006).

Segundo o relatório das Nações Unidas (UNICEF, 2002), a grande maioria dos jovens não tem a menor ideia de como se transmite o HIV/AIDS, e nem como devem proteger-se. Existem dois fatores interdependentes que determinam o curso do HIV/AIDS. O primeiro é que os jovens têm relações sexuais, e o segundo é que os jovens não dispõem dos conhecimentos necessários para se protegerem. Em termos globais mais de 50% dos jovens entre 15 a 24 anos têm percepções erradas acerca da transmissão do vírus (VIDIGUEIRA, 2005).

Atualmente as Doenças Sexualmente Transmissíveis, são um problema sanitário de primeiro plano, e apesar de muitas terem cura é cada vez maior o número de casos de pessoas que padecem dessas doenças, isso devido às mudanças de hábitos sexuais e o aparecimento da AIDS. São transmitidas através do sexo mais de 20 tipos de DST (NAVES; MERCHAN-HAMANN; SILVER, 2005; apud CORDEIRO, 2009), o que confirma a necessidade da utilização do preservativo de forma regular, já que muitas dessas doenças são assintomáticas e de difícil detecção (DORETO; VIEIRA, 2007). Como não bastasse, em

muitos casos a falta de informação faz como que se desconheçam os sintomas, o que contribui para a transmissão, pois a pessoa não percebendo estar infectada continua a ter relações sem tomar as devidas precauções e assim transmitindo a doença aos seus parceiros sexuais.

A maioria dos jovens confiam na sua capacidade de reconhecer uma pessoa infectada, associam a doença a grupos marginais (dependentes químicos ou homossexuais), tendo a percepção de que não estão em risco e que o parceiro é de confiança, pois pertence ao grupo de amigos. Iniciam as primeiras relações sexuais sem planejamento e muitas vezes envolvidas em elevadas doses de romantismo. Essas são algumas razões que parecem justificar o elevado número de jovens que tem relações sexuais desprotegidas (MCLEAN; BOULTON, 1994; apud VIDIGUEIRA, 2005).

No que se dizem respeito às DST/AIDS, os jovens são um grupo bastante vulnerável visto que por mais que façam uso de métodos anticoncepcionais como a pílula, fazem pouco uso do preservativo, iniciam a vida sexual precocemente e geralmente se envolvem com múltiplos parceiros. Em contra partida, muitos jovens sentem-se seguros e escudados pelo fato de seus relacionamentos se processarem, na maioria das vezes, em uma relação amorosa confirmando a crença de que não é necessário praticar “sexo seguro” com um parceiro que se conhece bem, de quem gosta e confia (MISOVISCH et al, 1997; apud VIDIGUEIRA, 2005). Existe assim a percepção errada de que uma relação baseada no amor é segura.

Estudos da literatura sobre DST/AIDS preconizam como um dos meios de prevenção, medidas preventivas entre a população de risco e nesta incluem-se os jovens. Mas nenhuma medida é suficientemente eficaz se não houver conhecimento das necessidades educativas destes jovens, começando pelos conhecimentos, atitudes e comportamentos que lhes servem de referência ao longo da vida. É o comportamento humano e social que está a chave da resolução deste problema (VIDIGUEIRA, 2005).

O primeiro passo no processo de prevenção acontece através da ciência das vias de transmissão das DST/Aids e relacioná-las aos padrões do comportamento de risco, assim a sua prevenção passa, necessariamente, pela diminuição ou eliminação dos comportamentos sexuais não seguros e pelo aumento de hábitos preventivos como o uso do preservativo e vigilância médica periódica (CAETANO, 2005 ; apud VIDIGUEIRA, 2005).

Diante da necessidade de pessoas capacitadas a colaborar com esse processo de prevenção os profissionais de saúde possuem um importante papel de educar a população em relação à prevenção e aos riscos que as DST oferecem, e

ainda estimular a procura de serviços de saúde quando algum sintoma for detectado.

A prevenção e a educação em saúde são os melhores meios de evitar o surgimento de novos casos, sendo estes também instrumentos de conscientização e informação (GIR et.al, 1999). O aconselhamento realizado pelo profissional de saúde é uma boa maneira de se evitar as DST/AIDS e visa educar o paciente, fazendo com que ele reflita e se torne mais consciente no processo de prevenção e cuidado (FILGUEIRAS e DESLANDES, 1999). A detecção de casos assintomáticos se torna outra forma de prevenção já que a maioria da população com DST/Aids procura os serviços de saúde somente quando se tornam sintomáticos (CODES et.al, 2006) e antes disso mantém relações desprotegidas transmitindo a doença.

Ao abordarmos sobre o conhecimento e o comportamento dos jovens universitários, destacando aqueles de cursos da área da saúde, percebe-se que as universidades possuem grande importância na educação e formação de seus acadêmicos, sendo responsáveis pela geração de futuros profissionais capacitados a desempenhar funções de ação educativa com pacientes que poderão estar com algum tipo de DST (DESSUNTI; REIS, 2007).

Embora se espere que acadêmicos da área de saúde possuam conhecimento técnico - científico necessários para futuramente atuarem na abordagem de um paciente portador de uma DST, o conhecimento adquirido no processo de graduação muitas vezes não influencia no comportamento dos próprios acadêmicos, onde são destacados alguns aspectos como ter dificuldade de falar de sua vida sexual e o pensamento de ser invulneráveis a essas doenças, tratando-as como doença do outro (DESSUNTI; REIS, 2007).

Um estudo realizado com universitários da área da saúde demonstrou que grande parte deles possui conhecimentos precários sobre DST/AIDS (GIR et al., 1999). Dados como esse reforçam a importância e a necessidade das universidades de incluírem no currículo dos cursos de graduação da área da saúde, ações ligadas ao campo das DST/AIDS em suas funções de ensino, pesquisa, assistência e extensão. É importante que a abordagem deste tema ocorra também em torno dos aspectos psicossociais, culturais e comportamentais de tais enfermidades, não se limitando somente aos aspectos clínicos e biológicos.

Estudando e conhecendo o tema em questão, alguns questionamentos foram levantados. Quais os fatores psicossociais e comportamentais relacionados o risco de DST/AIDS entre os acadêmicos do curso de enfermagem? Esses fatores se diferenciam entre estudantes do primeiro e do último ano. A vivência universitária e os conhecimentos adquiridos durante a graduação

contribuem para mudanças nesses fatores psicossociais e comportamentais de tal modo que os estudantes do último ano se encontrem em etapa diferente dos alunos do primeiro ano? Deste modo se propôs realizar um estudo com estudantes do primeiro e último ano do curso de graduação em enfermagem em busca de encontrar respostas a esses questionamentos.

Métodos

Trata-se de um estudo analítico de corte transversal com o objetivo de identificar e comparar os fatores psicossociais e comportamentais de risco para contrair DST/AIDS entre os estudantes do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Mato Grosso – Campus de Sinop.

Segundo Costa e Barreto (2003), os estudos analíticos são aqueles delineados para examinar a existência de associação entre uma exposição e uma doença ou condição relacionada à saúde. Um dos principais delineamentos de estudos analíticos é o do tipo transversal, onde a exposição e a condição de saúde do participante são determinadas simultaneamente. Os estudos transversais se caracterizam por não possibilitar saber se a exposição antecede ou é consequência da doença/condição relacionada à saúde. Portanto, esse delineamento é fraco para determinar associações do tipo causa-efeito, mas adequado para identificar pessoas e características passíveis de intervenção e gerar hipóteses de causas de doenças (COSTA; BARRETO, 2003).

O presente estudo utilizou-se do método quantitativo em sua análise, tal método caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio padrão, às mais complexas (LAKATOS; MARCONI, 2009).

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, na região Norte do Mato Grosso – Brasil.

Trata-se de uma amostra não-probabilística, do tipo intencional, composta por 54 estudantes, sendo estes 38 estudantes do primeiro período e 16 estudantes que estavam cursando o último período do Curso de Graduação em Enfermagem da UFMT – Sinop devidamente matriculados no referido curso no segundo semestre do ano de 2010.

Para coleta de dados foi elaborado e aplicado um questionário estruturado, constituído por questões referentes a dados que caracterizam a amostra (idade, sexo, período, estado civil), bem como dados que caracterizam a atividade sexual (idade de início da atividade sexual, número de parceiros sexuais, uso de métodos contraceptivos, relacionamento estável e/ou eventual) e dados relacionados aos conhecimentos gerais sobre

DST/AIDS, percepção de vulnerabilidade frente a essas doenças e o uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais.

Resultados e discussão

No decurso da execução do seguinte estudo, foram aplicados questionários aos 54 estudantes do curso de enfermagem que frequentaram o primeiro (38 estudantes) e último (16 estudantes) semestres durante a segunda metade do ano de 2010. Os dados procedentes dos questionários foram tabulados, analisados e os resultados serão apresentados a seguir.

A Tabela 1 expõe sobre o perfil predominante dos estudantes participantes da pesquisa. Em relação ao sexo a maioria mostrou-se do gênero feminino (85,2% no primeiro semestre e 86,7 no último semestre), resultado esperado, pois a prevalência feminina na Enfermagem é uma realidade no cenário acadêmico, como também no âmbito do trabalho, onde a prevalência feminina é de 92,36% (OJEDA et al, 2008). Segundo o Ministério da Saúde, pessoas do sexo feminino vêm merecendo atenção especial quando se diz respeito a aquisição do HIV/AIDS, pois de acordo com último boletim epidemiológico realizado em 2010, houve um aumento considerável no número de mulheres infectadas pelo HIV, onde em 1989 a razão entre os sexos era de cerca de 6 casos de AIDS no sexo masculino para cada 1 caso no sexo feminino, e em 2009 esta razão chegou a 1,6 caso em homens para cada um em mulheres (BRASIL, 2010).

A idade predominante entre os estudantes foi de 17 a 19 anos no primeiro semestre (58%) e 20 a 22 anos no último semestre (40%). Estudo realizado com mais de 35 mil jovens de 17 a 20 anos de idade, indica que, em cinco anos, a prevalência do HIV nessa população passou de 0,09% para 0,12% (BRASIL, 2010), faixa etária a qual os estudantes pesquisados estão inseridos. Segundo o mesmo estudo, esse aumento está relacionado ao comportamento sexual desses jovens, como também a co-infecção com outras DSTs.

Dados referentes ao estado civil dos pesquisados revelou tanto calouros como veteranos são na maioria solteiros (82,3% e 73,3%, respectivamente). Nota-se um maior número de estudantes casados e em união consensual no último período, de 20% e 6% respectivamente, contra 14% e 3% no primeiro período. Em pesquisa realizada, com o objetivo de traçar o perfil de mulheres portadoras de DTS, verificou-se uma maior prevalência (85,7%) dessas enfermidades em mulheres solteiras (SILVA et al, 2011).

Em relação à atividade sexual (Gráfico 1), observou-se que todos os alunos do último semestre já iniciaram a atividade sexual, podendo assim estar expostos aos riscos para DST/AIDS.

Entre os calouros detectou-se que existem alunos que ainda não são sexualmente ativos (17,7%), sendo que estes não foram incluídos na tabulação de dados referentes ao perfil sexual e comportamento sexual de risco.

Tabela 1 – Distribuição da porcentagem de estudantes do primeiro e último semestre segundo o sexo, estado civil e faixa etária.

Variáveis	1º semestre (%)	Último semestre (%)
Gênero		
Masculino	14,2	13,3
Feminino	85,2	86,7
Estado civil		
Solteiro	82,3	73,3
Casado	14,7	20,0
União estável	3	6,6
Faixa Etária		
17 a 19 anos	58,8	-
20 a 22 anos	14,7	40,0
23 a 25 anos	8,8	26,6
26 a 45 anos	17,7	33,4



Gráfico 1 – Porcentagem dos estudantes do primeiro e último semestre que são sexualmente ativos.

Observou-se que os estudantes do primeiro semestre estão iniciando mais cedo as atividades sexuais quando comparados aos estudantes do último semestre, sendo que a média de idade da primeira relação sexual nesses estudantes foi de 17,3 anos e 19,6 anos, respectivamente.

Outros estudos obtiveram resultados semelhantes, onde as idades de início da atividade sexual no primeiro e último semestre foi de 16 a 18 anos e 18 a 20 anos respectivamente. Tal fato se mostra preocupante quanto ao risco de adquirir DST/AIDS, uma vez que os jovens estão se expondo precocemente a esses perigos, tendo em vista que nem sempre estão preparados para tal prática deixando de lado as práticas de prevenção (DESSUNTI; REIS, 2007). Outro estudo realizado

com estudantes de Medicina da Universidade Federal do Ceará identificou-se uma média de 15,8 anos de idade para a primeira relação sexual, onde tais estudantes estão iniciando atividade sexual mais precocemente do que os estudantes do presente estudo (FAÇANHA, 2000).

O número de parceiros sexuais também foi investigado, uma vez que o mesmo altera o risco de contrair DST/AIDS. Os resultados estão apresentados no Gráfico 2, onde verifica-se que mais da metade dos alunos do último semestre (53,30%) manifestaram ter mais de três parceiros sexuais e a maioria (60,70%) dos alunos do primeiro semestre estão no limite entre 2 a 3 parceiros sexuais, e devem merecer atenção especial pois por serem mais jovens podem ainda manter relações sexuais com mais parceiros ao longo da vida. Tais dados deixam transparecer o risco a que esses jovens estão expostos frente as DST/AIDS, uma vez que evidências indicam que ter mais de três parceiros sexuais é considerado fator de risco para aquisição dessas doenças, principalmente o HPV (MOXOTO, 2007).

Número de Parceiros Sexuais

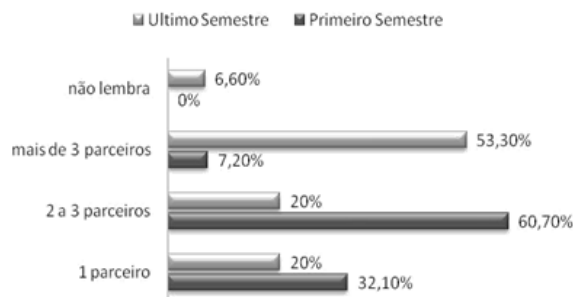


Gráfico 2 – Porcentagem de estudantes do primeiro e último semestre de Graduação em Enfermagem em relação ao número de parceiros sexuais.

Quando indagados sobre o tipo de relacionamento que mantém no momento da aplicação do questionário, tanto estudantes do primeiro como os do último semestre informaram em sua maioria manterem relacionamentos estáveis (Gráfico 3), sendo que tal porcentagem é maior entre os estudantes do último semestre, como também o número de estudantes casados, visto anteriormente.

Os relacionamentos do tipo estáveis não são considerados fatores de risco quando se leva em conta o número de parceiros, pois nesses relacionamentos acredita-se que na maioria das vezes os parceiros sejam fixos. Por outro lado, a confiança gerada em relacionamentos duradouros leva à diminuição do uso do preservativo entre os jovens (VIDIGUEIRA, 2007), o que faz com que esse tipo de relacionamento seja considerado de risco para contrair DST/AIDS.

Em relação à adoção de métodos

contraceptivos (Tabela 2), verificou-se uma maior porcentagem de estudantes do último semestre que não fazem uso métodos contraceptivos, inclusive o preservativo, como também um maior número de jovens que utilizam a pílula anticoncepcional oral (ACO), acompanhado ou não do preservativo, e aqueles que adotam o coito interrompido como método contraceptivo.



Gráfico 3 – Tipo de relacionamento sustentado pelos estudantes do primeiro e último semestre do Curso de Enfermagem.

Tabela 2- Adoção de métodos contraceptivos entre estudantes do primeiro e último semestre do Curso de Graduação em Enfermagem.

Método Contraceptivo	1º Semestre (%)	Último Semestre (%)
Preservativo	57,0	20,0
Preservativo + ACO	21,4	33,3
ACO	21,4	26,6
Coito Interrompido + ACO	-	6,6
Nenhum	-	13,3

Outros estudos obtiveram resultados semelhantes em relação ao uso de métodos contraceptivos. Em estudo realizado com estudantes da área da saúde observou-se diferença significativa entre estudantes do primeiro e último semestre, com uma proporção maior de usuários de ACO entre os alunos do último ano (DESSUNTI; REIS, 2007). A adoção de métodos contraceptivos como o ACO entre os estudantes do último semestre pode também estar relacionada com os relacionamentos estáveis, onde os jovens estão alerta para consequências como uma gravidez indesejada em detrimento da contaminação por alguma DST.

Na população estudada houve diferença significativa quanto ao uso do preservativo, sendo que calouros o utilizam mais e com maior regularidade do que os estudantes do último semestre, como pode ser evidenciado no Gráfico 4.

Esse resultado assemelha-se com ao estudo de Cordeiro (2009), que realizou uma pesquisa com estudantes do curso de enfermagem e detectou que a frequência do uso de preservativos é maior entre os alunos do 52 primeiro período e que no último há um equilíbrio entre os que alegam sempre usar o preservativo e aqueles que o utilizam somente às vezes. De acordo com Dessunti e Reis (2007) os estudantes que mais apresentam relacionamentos estáveis (último ano) são os que menos usam o preservativo de forma consistente nas relações sexuais.

Frequência do Uso de Preservativo

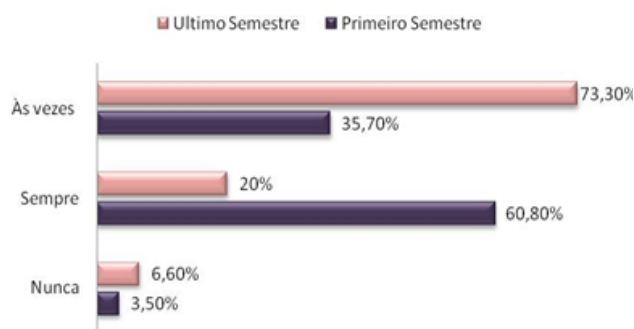


Gráfico 4 – Frequência do uso de preservativo entre estudantes do primeiro e último semestre do Curso de Graduação em Enfermagem.

O Gráfico 5 mostra a porcentagem de alunos do primeiro e do último período do curso de graduação em enfermagem que já contraíram no passado alguma DST. Observa-se que os alunos do último semestre foram os que mais apresentaram história de aquisição dessas doenças, justamente a turma que neste estudo veem apresentando mais comportamentos de risco. Quando indagado a sobre forma de tratamento dessas doenças, 50% dos alunos relataram que fizeram o tratamento através de orientações adquiridas em farmácias e 50% através de orientações médicas, fato que deve ser considerado como preocupante para a saúde pública, uma vez que o tratamento pode não ser eficaz, não havendo a quebra da cadeia de transmissão dessas doenças. A cultura da automedicação, principalmente de antimicrobianos, pode induzir a resistência medicamentosa dos microrganismos causadores dessas doenças dificultando ainda mais a obtenção de um tratamento de sucesso.

Os acadêmicos do curso de enfermagem participantes da pesquisa mostraram ter um alto nível de conhecimento sobre as DST/AIDS. Quando indagados sobre a forma de transmissão da AIDS (Gráfico 6), os alunos do primeiro semestre, em sua maioria, tinham conhecimentos sobre as formas de transmissão, e os alunos do último semestre todos acertaram a pergunta elaborada. Tal resultado já era previsto, uma vez que os calouros ainda não adquiriram todo o conhecimento oferecido pela

graduação a respeito dessas doenças. Dentre as DSTs, as mais citadas pelos estudantes tanto do primeiro como do último semestre foram: HIV/AIDS, Sífilis, Gonorréia, HPV e Herpes. Os estudantes do último semestre mostraram conhecimento de outras DSTs como Clamídia, Tricomoníase e Hepatite B. Embora em pequena quantidade, os estudantes do primeiro semestre identificaram como DSTs doenças como Hepatite C e Seborréia, mas pode-se levantar a hipótese de que houve uma confusão com os termos Hepatite B e Gonorréia, doenças essas que são certamente sexualmente transmissíveis.

Já contraiu alguma DST?

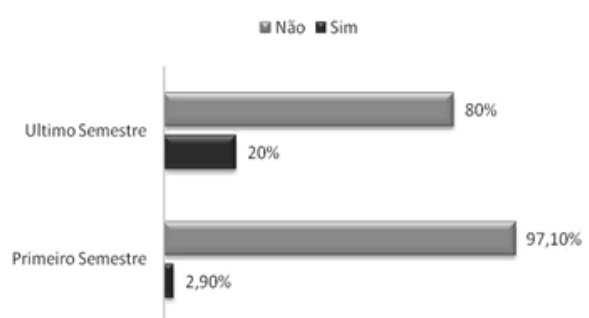


Gráfico 5- Porcentagem dos alunos do primeiro e último semestre de graduação em enfermagem que já contraíram alguma DST no passado.

Outras pesquisas afirmam que de um modo geral o nível de conhecimento dos universitários da área da saúde a respeito das DST/AIDS tem sido alto, entretanto apenas o conhecimento sobre essas doenças não é o suficiente para a diminuição dos comportamentos de risco, mais do que isto é necessário que o indivíduo tenha a percepção de risco pessoal para a aquisição de DST/AIDS (DESSUNTI; REIS, 2007).

Tendo em vista esse pressuposto, foi indagado aos estudantes qual seria a probabilidade do mesmo adquirir uma DST/AIDS, e a mesma pergunta foi feita a respeito da probabilidade de indivíduos da mesma faixa etária contrair essas doenças (Gráfico 7 e 8).

Analisando os resultados mostrados, observa-se que tanto os alunos do primeiro como os alunos do último semestre se julgam com uma muito baixa probabilidade de contrair DST/AIDS. Esperava-se, principalmente dos alunos do último semestre, uma maior percepção de risco pessoal, pois além em sua maioria não fazerem uso regular do preservativo, foram os que mais apresentaram DST no passado. A familiaridade com alguém que tenha AIDS ou o conhecimento de alguém que tenha AIDS pode levar as pessoas à maior percepção de vulnerabilidade à infecção (DESSUNTI; REIS, 2007), assim, os estudantes do último semestre deveriam ter uma maior percepção

de risco do que os alunos do primeiro semestre, uma vez que já mantiveram contato com pessoas que apresentaram essas doenças durante o curso de graduação, no entanto neste estudo a diferença entre as duas séries não se mostrou tão significativa.

Para adotar condutas preventivas, as pessoas devem estar convencidas de seu risco pessoal de contrair HIV/AIDS, o que, muitas vezes, é determinado por suas crenças. Assim, homens heterossexuais não usuários de drogas, bem como mulheres, tendem a subestimar seu risco pessoal, em razão da AIDS estar associada, no imaginário popular, a práticas homossexuais masculinas e ao consumo de drogas injetáveis (DESSUNTI; REIS, 2007).

Formas de Contaminação da Aids

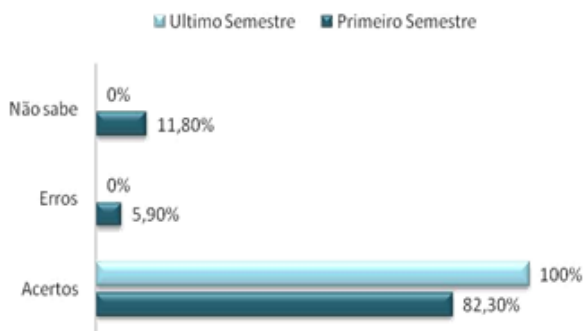


Gráfico 6- Conhecimento dos estudantes de Enfermagem frente às formas de contaminação da AIDS.

Probabilidade de Você contrair DST/AIDS

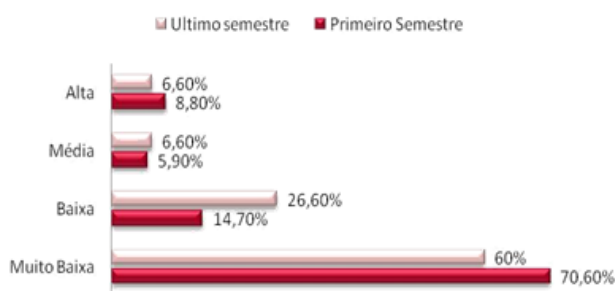


Gráfico 7- Probabilidade, segundo os próprios estudantes, de contrair DST/AIDS.

Probabilidade de alguém de sua faixa etária contrair DST/AIDS

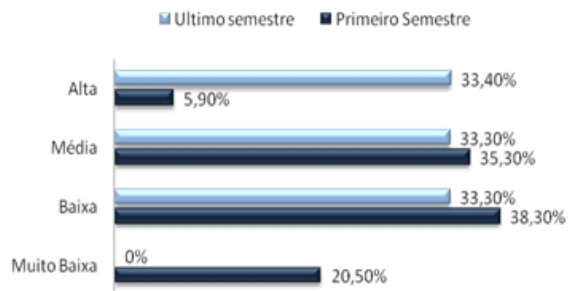


Gráfico 8- Probabilidade, segundo os próprios estudantes, de alguém de sua faixa etária contrair DST/AIDS.

Quando indagados sobre qual a probabilidade de um indivíduo de sua faixa etária contrair DST/AIDS, percebe-se que os estudantes julgam que essas pessoas possuem um risco maior para aquisição dessas doenças, porém ao analisar os resultados conclui-se que os estudantes julgam os indivíduos de sua faixa etária, mas não se inserem na mesma, tratando as DST/AIDS como doença do outro.

O consumo de bebidas alcólicas antes das relações sexuais apresenta-se como um importante comportamento de risco para aquisição de DST/AIDS, uma vez que o uso dessas substâncias influenciam negativamente no uso do preservativo (FAÇANHA, 2000). No presente estudo detectou-se, principalmente entre os estudantes do ultimo semestre uma grande porcentagem de indivíduos que fazem uso de substâncias alcólicas antes das relações (Gráfico 9), o que expõe os mesmos ao risco de contrair DST/AIDS. No que se refere ao uso de drogas ilícitas, 2,9% dos calouros e 13,4% dos alunos do ultimo semestre relataram o uso eventual dessas substâncias antes das relações sexuais.

Após a coleta e análise dos dados verificamos que, apesar de possuírem conhecimentos acerca das DST/AIDS, o comportamento sexual apresenta fatores que estão associados ao risco de adquirir uma DST/AIDS. Dentre esses fatores podemos destacar a percepção de invulnerabilidade exposta pelos estudantes frente a essa doenças. Os veteranos mostraram-se menos protegidos contra as DST/AIDS, uma vez que os mesmos fazem pouco uso regular do preservativo e utilizam mais bebidas alcólicas antes das relações sexuais, quando comparado aos estudantes do ultimo semestre. Sendo assim, de modo geral, o presente estudo identificou a magnitude dos fatores de risco para aquisição de DST/AIDS a que os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem estão expostos.

Consumo de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais

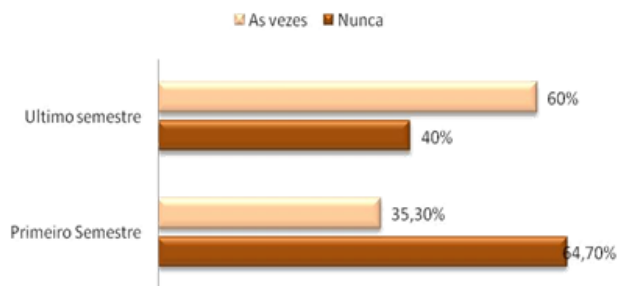


Gráfico 9- Porcentagem dos alunos do primeiro e último semestre do curso de enfermagem que fazem uso de substâncias alcoólicas antes das relações sexuais.

Considerações finais

Através da análise dos dados coletados dos estudantes do primeiro e último semestre do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Mato Grosso - *Campus* de Sinop, pode-se fazer algumas considerações importantes.

A maioria dos estudantes pesquisados apresentaram ter um bom conhecimento sobre as DST/AIDS e suas formas de transmissão, o que já era esperado, pois são acadêmicos de um curso da área da saúde, uma clientela diferenciada no que diz respeito ao tema em questão. Porém, verificou-se muitos fatores associados ao risco de contrair tais doenças quando se leva em conta o comportamento desses jovens.

A percepção de risco pessoal foi um dos fatores mais relevantes da pesquisa pois, os alunos do primeiro semestre e principalmente os alunos do último semestre que já possuem familiaridade com as DST/AIDS, julgaram-se como serem de baixo risco para aquisição destas doenças, o que pode muitas vezes levar à diminuição das medidas preventivas, uma vez que o indivíduo necessita sentir-se ameaçado para tomar condutas preventivas. Sendo assim, somente a informação passada aos jovens sobre os modos de prevenção, transmissão, sintomas e tratamentos das doenças serão de pouca valia caso não seja trabalhado a questão da percepção de risco pessoal a qual estão expostos.

Os mesmos alunos, quando indagados sobre qual a probabilidade de pessoas de sua faixa etária teriam em adquirir DST/AIDS, os estudantes dos dois períodos julgaram que as mesmas possuem um risco aumentado para aquisição de tais doenças. Este fato deixa transparecer que estes jovens desenvolveram a percepção de que as DST/AIDS acometem somente “o outro”.

Esperava-se que os alunos do último semestre apresentassem menos fatores de risco do que os calouros, uma vez que na graduação adquiriram maior conhecimento sobre estas doenças, e o contato com pessoas portadoras

dessas doenças torna-se cada vez mais comum, sendo assim, estes estudantes estariam mais propensos a adotar condutas e comportamentos considerados seguros. Ao contrário do esperado, os estudantes que frequentam o último semestre da graduação mostraram-se mais expostos aos riscos de contrair DST/AIDS, uma vez que tendem a adotar parceria única, diminuindo assim a regularidade do uso do preservativo devido à adoção de outros métodos contraceptivos, também apresentam maior número de parceiros sexuais durante a vida.

Obteve-se maior porcentagem de alunos que fazem uso de uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais entre os veteranos, o que é preocupante, uma vez que podemos concluir que durante o período da graduação os estudantes adquirem hábitos não saudáveis, como a ingestão de bebidas alcoólicas que, além de outros malefícios ao organismo, contribui de forma significativa para a diminuição do uso do preservativo e para a adoção de comportamentos sexuais de risco.

O presente estudo revelou que, mesmo lidando universitários, considerados pessoas de um nível intelectual relativamente alto, ainda se faz necessário a implantação de políticas para que se diminuam os fatores de risco para contrair DST/AIDS encontradas nesse público específico.

O levantamento dos fatores associados ao risco de DST/AIDS entre os estudantes do curso de Enfermagem é importante como base para a elaboração de estratégias educativas, que visem não somente as questões técnicas e científicas das DST geralmente abordadas pelas Instituições de Ensino Superior, mas também uma abordagem comportamental e social dessas patologias. Para tanto é necessário trabalhar a sexualidade, visando a orientação dos jovens quanto as práticas sexuais, com o intuito de reduzir os comportamentos sexuais de risco e consequentemente as incidências de DST/AIDS nessa população.

Estas medidas se fazem necessárias não somente no contexto individual dos estudantes, mas também com um enfoque coletivo, voltado principalmente para a questão da vulnerabilidade a estas doenças, tornando os jovens mais conscientes de seus riscos, responsáveis e mais atentos quanto aos cuidados com a saúde sexual deles e de seus parceiros tornando-os assim multiplicadores da saúde, assumindo desde já o compromisso com a saúde da nossa sociedade pois serão futuros profissionais da saúde.

Referências

AMORIM, G.G. Comportamento de risco na alta adolescência: um estudo de caso em proposta transdisciplinar Tese de mestrado. **Universidade Católica de Brasília**, 2007. Disponível em: <www.bdtd.ucb.br/tede/tde_busca/processaArquivo>.

php?codArquivo=688> Acesso em: 03 de Set. 2010.

BRASIL, Ministério da saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Secretaria de Vigilância em Saúde. Doenças Sexualmente transmissíveis. **Manual de bolso das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/publicacao/doencas-sexualmente-transmissiveis-manual-de-bolso>> Acesso em: 14 Mar. 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Coordenação Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico AIDS/DST 2010 – Versão Preliminar**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/publicacao/2010/boletim2010_preliminar_pdf_344_34.pdf> Acesso em: 20 de Dez. 2010

CAETANO M. Prevenção da SIDA. Um desafio que não pode ser perdido. Introdução ao 6º HIV-AIDS Virtual Congress; 2005 Out 15; AidsPortugal – SIDAnet, Associação Lusófona.

CODES, J. S. et al. Detecção de doenças sexualmente transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n. 2, p. 325-334, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v22n2/10.pdf>> Acesso em: 13 Jun. 2010.

CORDEIRO, L. P. et al. Conhecimento e Comportamento sobre DST/Aids entre acadêmicos do Curso de Enfermagem do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. **Revista Enfermagem Integrada** – Ipatinga: Unileste-MG, v.2, n.1, Jul./Ago, 2009. Disponível em <http://www.unilestemg.br/enfermagemintegrada/artigo/v2/Larissa_cordeira_Nayara_silva_e_Simone_barbosa.pdf> Acesso em: 13 Jun. 2010.

COSTA, M.F.; BARRETO, S.M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.12, n.4, pág 189-201, 2003. Disponível em: <http://iah.iec.pa.gov.br/iah/fulltext/pc/portal/ess/v12n4/pdf/v12n4a03.pdf>.

DESSUNTI, E. M.; REIS, A. O. A. Fatores psicossociais e comportamentais associados ao risco de DST/AIDS entre estudantes da área de saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v.15, n. 2, mar./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a12.pdf> Acesso em: 14 Mar. 2010.

DIAS M, FONTAINE A. Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia 2001.

DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

FAÇANHA, MC et al. Estudo preliminar do comportamento sexual de estudantes de medicina no Estado do Ceará. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v.12, n.5, 2000.

FILGUEIRAS, S. L.; DESLANDES, S. F. Avaliação das ações de aconselhamento. Análise de uma perspectiva de prevenção centrada na pessoa. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15. sup. 2, p. 121-131, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000600012> Acesso em: 24 de Jul. 2010.

GIR, E. et al. Medidas preventivas contra a AIDS e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 7, n. 1, p. 11-17 - janeiro 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n1/13444.pdf>> Acesso em: 16 Jun. 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, L. B. M. et al. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 315-323, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v22n2/09.pdf>> Acesso em: 21 de Jun. 2010.

MCLEAN J, BOULTON M. Regular partners and risk behaviour : why do gay men have unprotected intercourse?. *AIDS care* 1994; 6(3): 331-341.

MISOVISCH S, et al. Close relationships and elevated HIV behavior: Evidence and possible underlying psychological processes. *Review of General Psychology* 1997; 1: 72-107.

MOXOTO, I. et al. Perfil sociodemográfico, epidemiológico e comportamental de mulheres infectadas pelo HTLV-1 em Salvador- Bahia, uma área endêmica para o HTLV. **Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v.40, n.1, Jan./Fev. 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rsbmt/v40n1/a07v40n1.pdf>

Acesso em: 23 de Set. 2010.

NAVES, J. O. S.; MERCHAN – HAMANN, E.; SILVER, L.D. Orientações farmacêuticas para DST: uma proposta de sistematização. *Ciência e saúde coletiva*, v. 10, n. 4, p. 1005-1014, out/dez. 2005.

OJEDA, B.S. et al. Saberes e verdades acerca da enfermagem: discursos de alunos ingressantes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.61,n.1 Jan/Fev. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000100012&script=sci_arttext.

SILVA, A.A.S. et al. **Perfil das mulheres portadoras de gonorréia: uma revisão da literatura**. 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/67718/1/PERFIL-DAS-MULHERES-PORTADORAS-DE-ONORREIA-UMA-REVISAO-DA-LITERATURA/pagina1.html>.

VIDIGUEIRA, P. M. Os Estudantes de Enfermagem e as Doenças Sexualmente Transmissíveis e SIDA. In: **8º Congresso - Comunicação - Tema: Ciência Social e Comportamental**, 2005. Disponível em: http://www.aidscongress.net/html/article8fdb.html?id_comunicacao=32> Acesso em: 15 Jun. 2010.